

### EDITORIAL

*O que Saussure trouxe à linguística de sua época,  
e em que termos ele age na nossa?*  
(BENVENISTE, 1966)

#### 100 ANOS SEM/COM SAUSSURE

Dia 22 de Fevereiro de 1913 morria Ferdinand de Saussure. Dia 22 de Fevereiro de 1963, meio século depois, Benveniste, convidado pela Universidade de Genebra, proferia uma conferência em homenagem ao mestre genebrino e mais particularmente à sua obra, na qual buscava responder à pergunta: o que Saussure trouxe à linguística de sua época, e em que termos ele age na nossa? (BENVENISTE, 1966, p. 34).

Hoje, um século após seu desaparecimento, poderíamos retomar essa pergunta, mas para desdobrá-la em outra: de que forma as reflexões de Saussure, ao transtornar as teorias da linguagem, influenciaram os estudos da tradução?

Embora seja até possível acreditar que Saussure está “superado”, isso em nada diminui sua importância para a história do pensamento sobre a linguagem. Retomando as palavras de Isaac Nicolau Salum, no seu prefácio à tradução brasileira do *Curso de Linguística Geral*, “Nunca Saussure esteve mais presente do que nesta década, em que ele é às vezes declarado ‘superado’. Só há, porém, um meio honesto de superá-lo: é lê-lo, repensar com outros os problemas que ele propôs, nas suas célebres dicotomias” (Prefácio, 1971, p. xv). Suas ideias, suas reflexões e inovações fazem dele, no dizer de Benveniste, “um homem dos fundamentos”.

Para Meschonnic,

“[...] haverá um dia que se reescrever a história da linguagem, não segundo o inquérito do descontínuo, mas segundo a pesquisa do contínuo. Será a história do discurso. Não mais a da língua, que se escreve há mais de dois milênios. Ela passará por Saussure e Benveniste. Que é o seu inventor. Ela mostrará que, ao contrário dos clichês, o estruturalismo não foi o continuador de Saussure, mas sua incompreensão, separando em oposições disjuntas o que ele concebia como tensões solidárias, rejeitando a arbitrariedade do signo, indefinidamente confundida com a convenção,

como o sistema com a estrutura.” (MESCHONNIC, 1991, p. 11)<sup>1</sup>.

A leitura de Meschonnic, já feita por Benveniste em 1966 quando lembra que Saussure nunca utilizou o termo “estrutura” e que a noção fundamental é a de “sistema”, aponta para um outro lugar, na história do pensamento sobre a linguagem, do personagem Saussure.

A negação da diacronia atribuída a Saussure por vários críticos nega sua formulação em:

“uma série de equações idiossincrônicas entre significações divergentes e fonias divergentes, mas que em cada estado de língua em que coexistem, são variantes do mesmo significado e do mesmo significante e liga, de um estado de língua a outro, os pontos extremas de uma série diacrônica” (TULLIO DE MAURO, [1967], 1995, p. XI).

Assim, a concepção saussuriana da língua enquanto sistema idiossincrônico, com a distinção entre ação e sistema, não nega, mas ao contrário corrobora o estudo diacrônico. Tullio de Mauro acrescenta que essa concepção “clarifica, [...] outros problemas, como o da comunicação entre dois indivíduos ou o [...] da tradução de uma língua para outra”<sup>2</sup> (TULLIO DE MAURO, [1967], 1995, p. XII). Saussure não tratou desses dois problemas (bem mais recentes), mas forneceu várias reflexões para poder resolvê-los da melhor maneira.

Entre elas, a questão da arbitrariedade do signo que permite ver a língua como mutável. Com efeito, o fato de os significantes, os significados e sua organização em sistema serem livres de relações rígidas com a realidade lógica ou natural, faz com que a língua sofra mudanças profundas, pouco “lógicas” e menos ainda “naturais”. Por outro lado, do caráter arbitrário do signo decorre o aspecto radicalmente social da língua: “já que os signos, em sua diferenciação recíproca e em sua organização em sistema, não respondem a nenhuma exigência natural que lhes seria externa, a única

---

<sup>1</sup> “[...] il y aura un jour à réécrire l’histoire du langage, non selon l’enquête du discontinu, mais selon la recherche du continu. Ce sera l’histoire du discours. Non plus celle de la langue, qui s’écrit depuis plus de deux millénaires. Elle passera par Saussure et Benveniste. Qui en est l’inventeur. Elle montrera que contrairement aux idées reçues, le structuralisme n’a pas été le continuateur de Saussure, mais bien plus son incompréhension, séparant en oppositions disjointes ce qu’il concevait comme tensions solidaires, rejetant l’arbitraire du signe, indéfiniment confondu avec la convention, comme le système avec la structure.”

<sup>2</sup> “clarifie, [...] d’autres problèmes, tel que celui de la communication entre deux individus ou celui [...] de la traduction d’une langue vers l’autre.”

base válida de sua configuração particular em tal ou tal língua é o consenso social”<sup>3</sup> (TULLIO DE MAURO, [1967], 1995, p. xiii) Uma vez que, na concepção saussuriana da realidade linguística, a organização das significações em significados é tão arbitrária quanto das fonias em significantes, o consenso social é tudo.

O princípio de arbitrariedade e a relação social são fatores de estabilidade e, ao mesmo tempo, de mudança. (Será preciso lembrar que essas questões foram, e ainda são, fundamentais para a reflexão sobre a tradução?)

Outra crítica feita a Saussure é que ele teria se preocupado apenas com a teoria. Leitura que nega suas preocupações com as questões metodológicas, já que sua epistemologia prevê, para a linguística, uma elaboração teórica formalizada em uma dialética contínua com a materialidade dos fatos.

Outra questão pouco lembrada é seu profundo interesse pelo lado etnográfico das línguas: sempre apresentou a língua em relação com os outros meios de comunicação e buscou atribuir um horizonte semiológico à linguística. Nas próprias palavras de Saussure:

“É em última análise somente o lado pitoresco de uma língua, o que a faz diferir de todas as outras pertencendo a certo povo, tendo certas origens, é esse lado quase etnográfico que conserva para mim interesse: e precisamente, não tive o prazer de poder me entregar a esse estudo sem pensamento prévio, e de gozar do fato particular proveniente de um meio particular.”<sup>4</sup> (CFS, [1964] *Lettres de Ferdinand de Saussure à Antoine Meillet*, apud BENVENISTE, 1966, p. 37-38).

Assim, para Saussure, estudar a língua conduz inevitavelmente a estudar a linguagem. Segundo ele, acreditamos chegar diretamente à língua enquanto realidade objetiva, porém apenas a apreendemos a partir de um ponto de vista que é preciso antes definir. Isso o leva a uma confissão, presente nos *Cahiers Ferdinand de Saussure*:

“Eis nossa profissão de fé em matéria de linguística: em outros domínios, podemos falar das coisas de tal ou tal ponto de vista, certo que estamos de encontrar um terreno firme no próprio objeto. Em linguística, negamos em princípio que haja objetos dados, que haja coisas que continuam a existir

---

<sup>3</sup> “Puisque les signes, dans leur différenciation réciproque et dans leur organisation en système, ne répondent à aucune exigence naturelle qui leur serait externe, la seule base valide de leur configuration particulière dans telle ou telle langue est le consensus social.”

<sup>4</sup> “C’est en dernière analyse seulement le côté pittoresque d’une langue, celui qui fait qu’elle diffère de toutes autres comme appartenant à un certain peuple ayant certaines origines, c’est ce côté presque ethnographique, qui conserve pour moi un intérêt: et précisément je n’ai plus le plaisir de pouvoir me livrer à cette étude sans arrière-pensée, et de jouir du fait particulier tenant à un milieu particulier”

quando se passa de uma ordem de ideias a outra e que se possa por consequência permitir-se considerar ‘coisas’ em várias ordens, como se elas fossem dadas por si mesmas.”<sup>5</sup> (CFS, [1964], *apud.* BENVENISTE, 1966, p. 39-40).

Ele queria mostrar o erro da linguística da época em estudar a língua enquanto coisa, um organismo vivo, como matéria a ser analisada instrumentalmente. É necessário, antes, voltar aos fundamentos e descobrir o que é a linguagem à qual nada pode ser comparado, e propõe, o que será o centro das ideias saussurianas, o princípio a partir do qual procede todo o aparato de noções e distinções que forma seu pensamento sobre a linguagem:

“A lei final da linguagem é, o que ousamos dizer, que não há nada que possa residir em um termo, por consequência direta do fato de que os símbolos linguísticos não têm relação com o que eles devem designar, logo *a* é impotente para designar sem a ajuda de *b*, este da mesma forma sem a ajuda de *a*, ou que ambos apenas valem pelas suas recíprocas diferenças, ou que nenhum vale, mesmo por uma parte qualquer de si de outra forma que por esse mesmo plexo de diferenças eternamente negativas.”<sup>6</sup> (CFS, [1964], p. 63, *apud.* BENVENISTE, 1966, p. 40-41).

Segundo Meschonnic, “traduzir é contemporâneo do que se move na linguagem e na sociedade”<sup>7</sup> (1999, p. 14) Assim, se o pensamento sobre a linguagem se transformou, passou da língua (com suas categorias, léxico, morfologia e sintaxe) ao discurso, ao sujeito dialogante, inscrito na linguagem, essas transformações tiveram forte influência nas reflexões sobre a tradução. Traduzir nos põe frente a uma representação, ou melhor, uma concepção da linguagem, para pensar/refletir o que traduzimos, e o que o traduzir faz à linguagem.

Este número especial de *Traduzires* faz uma homenagem a Saussure, uma homenagem justa a um homem corajoso que pensou a linguagem para além das ideias da sua época. É claro que as concepções saussurianas não são, como nunca se

---

<sup>5</sup> “Voici notre profession de foi en matière de linguistique: en d’autres domaines, on peut parler des choses à tel ou tel point de vue, certain qu’on est de retrouver un terrain ferme dans l’objet même. En linguistique, nous nions en principe qu’il y ait des objets donnés, qu’il y ait des choses qui continuent d’exister quand on passe d’un ordre d’idées à un autre et qu’on puisse par conséquent se permettre de considérer des “choses” dans plusieurs ordres, comme si elles étaient données par elles-mêmes.”

<sup>6</sup> “La loi tout à fait finale du langage est, à ce que nous osons dire, qu’il y a jamais rien qui puisse résider dans un terme, par suite directe de ce que les symboles linguistiques sont sans relation avec ce qu’ils doivent désigner, donc que *a* est impuissant à rien désigner sans le secours de *b*, celui-ci de même sans le secours de *a*, ou que tous les deux ne valent que par leur réciproque différence, ou qu’aucun ne vaut, même par une partie quelconque de soi autrement que par ce même plexus de différences éternellement négatives.”

<sup>7</sup> “traduire est contemporain de ce qui bouge dans le langage et dans la société”.

## **Editorial**

---

propuseram a ser, a última palavra sobre a linguagem, mas não deixam de ser um ponto de partida de uma problemática que continua na ordem do dia.

Este número traz diferentes contribuições que re-pensam as ideias de Saussure, as confrontam, as relacionam com outros autores e com outras áreas.

Apresenta, também, uma entrevista preciosa de um dos tradutores brasileiros do *Curso de linguística geral* (1971), Izidoro Blikstein, que relata, com bom humor, as circunstâncias da tradução e seu papel no desenvolvimento dos departamentos de linguística no Brasil.

Esperamos assim fazer uma justa homenagem a um pensador da linguagem e das ciências humanas. Precursor das ideias que transformaram a teoria da linguagem, Saussure lançou questões sobre a mais nobre e complexa faculdade humana e contribuiu para o advento do pensamento formal nas ciências da sociedade e da cultura (das quais a tradução também faz parte).

Um convite para ler e reler Saussure!

*Alice Maria de Araújo Ferreira*

*21/11/2013*